

PENSANDO OS CONTATOS NO MEDITERRÂNEO ANTIGO A PARTIR DOS SANTUÁRIOS DO OCIDENTE GREGO¹

Regina H. Rezende²

RESUMO: Este artigo busca pensar a temática proposta para o III Encontro do Laboratório de Estudos do Império Romano e Mediterrâneo Antigo, que problematiza a questão da integração e das fronteiras no Mediterrâneo Antigo, a partir da nova proposta de estudos do Labeca – Laboratório de estudos sobre a cidade antiga, onde se persegue um aprofundamento nos estudos da *khóra* grega, e também a partir da temática abordada no nosso projeto de pesquisa de doutorado, que procura pensar a delimitação de fronteiras e a integração dos gregos com outros povos a partir dos santuários estabelecidos nas *apoikias* do Ocidente grego.

PALAVRAS-CHAVE: *apoikias* gregas no Ocidente – santuários gregos – território – contatos.

ABSTRACT: This article seeks to consider the proposed theme for the Third Meeting of the Laboratory Study of the Ancient Roman Empire and the Mediterranean, which discusses the issue of integration and of borders in the ancient Mediterranean, from the new proposed studies of Labeca - Laboratory of studies on the ancient City, in the pursuit of a deeper studies of the Greek *Khóra*, and also from the selected theme in our PhD research project that seeks to think the delimitation of frontiers and the integration of Greeks with other people from sanctuaries established in the Western Greek *apoikias*.

KEYWORDS: Western Greek *apoikias* – Greek sanctuaries – the territory – contacts

Aproveito, na apresentação dessa comunicação, a temática proposta para o III Encontro do Laboratório de Estudos do Império Romano e Mediterrâneo Antigo – de se pensar a integração e a questão das fronteiras do Mediterrâneo Antigo – para colocar na pauta da discussão dois assuntos que me envolvem nesse momento, um deles vem sendo trabalhado em conjunto no laboratório ao qual

¹ Texto apresentado no III Encontro do Laboratório de Estudos do Império Romano e Mediterrâneo Antigo, LEIR/MA-USP, “Como assim Mediterrâneo? Integração e Fronteiras no Mediterrâneo Antigo”, realizado no Anfiteatro do Departamento de História da FFLCH- USP em 14 e 15 de outubro de 2010.

² Mestre e Doutoranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; membro do Laboratório de estudos sobre a cidade antiga (Labeca – MAE – USP) <reginahr@usp.br>.

estou ligada e o outro está mais diretamente relacionado à pesquisa que venho desenvolvendo no meu projeto de doutorado.³

A pesquisa que desenvolvo no momento está inserida dentro do Labeca – o Laboratório de estudos sobre a cidade antiga – do MAE-USP. Esse laboratório foi criado com o objetivo de promover trabalhos, reuniões e discussões sobre a cidade e a sociedade gregas antigas. Desde 2006 até meados de 2010 nos concentramos, dentro do laboratório, em discutir a pólis⁴ grega a partir de sua área urbana, mais densamente ocupada, a *ásty*. Ainda ano de 2010 iniciamos um novo projeto, complementar ao anterior, onde a proposta é a de se estudar as formas de ocupação e uso da *khóra* gregos, entendendo por *khóra* o território ligado aos núcleos urbanos e que junto com a *ásty* define a pólis grega.

Com esse novo projeto pretendemos focalizar as muitas maneiras encontradas pelos gregos de ocupar o território de suas cidades e de marcar suas fronteiras com os outros gregos e com não gregos. (Florenzano 2009: 1)

A densidade de ocupação dos gregos às margens do Mediterrâneo tende a transparecer nas pesquisas sobre essa sociedade, isto é, ao estudarmos a sociedade grega antiga, pela forma como ela se configura, faz com que nós pesquisadores da antiguidade olhemos para o Mediterrâneo como “via primordial de contato, de comunicação e de integração entre os gregos” (Florenzano 2009: 6). Michel Gras em seu *O Mediterrâneo Arcaico* (Gras 1998: 7) usou o termo ‘cimento líquido’ para definir a importância do Mediterrâneo como a principal fronteira e ao mesmo tempo como o traço de união entre os gregos. “Esta perspectiva levou sempre os historiadores a valorizar a faceta urbana e portuária da pólis grega (...) mesmo reconhecendo o caráter agrário da sociedade antiga” (Florenzano 2009: 6).

Essa nova proposta do nosso laboratório, de aprofundar o estudo das formas de ocupação e uso da *khóra*:

Implica em aceitar que a pólis grega investia energia considerável também na valorização do seu interior: dele dependia a sua sobrevivência cotidiana; dali vinha boa parte da riqueza da pólis; por ali passavam rotas de contato e de comércio que talvez, tanto quando as rotas marítimas, davam

³ Este projeto está sendo realizado dentro do programa de pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, com o apoio da Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

⁴ Adotamos, para os termos relacionados às pólis gregas, a grafia e as definições estabelecidas pelo Labeca em seu glossário, disponível em www.labeca.mae.usp.br, na aba glossário.

vida às cidades. A posse de territórios cada vez mais extensos gerava, no mundo competitivo das pólis, o poder que tanto almejavam, e o contato com as populações interioranas, gregas ou bárbaras, agia como um dos motores de transformação da sociedade. (Florenzano 2009: 6)

A partir de estudos arqueológicos recentes e de dados trazidos pela epigrafia grega, foram definidos, para o desenvolvimento desse projeto, três questões principais que concernem à *khóra* grega. São elas: as formas de exploração econômica da hinterlândia grega ou de usufruto desses territórios; a definição de fronteiras; e a articulação entre as partes formadoras da pólis, onde se destaca a relação da *khóra* com a *ásty*. Dessas questões me interessa aqui falar de apenas uma delas, a segunda, aquela que trata da definição de fronteiras que, ao mesmo tempo que pontuam limites definidos garantem também a convivência e os contatos com o exterior da pólis (Florenzano 2009: 6-7). Um dos aspectos relativos à definição de fronteiras que vem sendo bastante discutido e sobre o qual pretendo dar uma contribuição com a minha pesquisa de doutorado é o papel dos santuários extraurbanos nesse contexto.

Faço aqui um pequeno parêntese para falar sobre a definição de santuários. Os estudiosos do espaço adotam uma definição que está relacionada à posição dos mesmos no território da pólis. Assim, o santuário extraurbano está localizado fora do centro urbano - a *ásty* - e dos muros das cidades, em posição isolada na *khóra* da pólis. E o santuário urbano é aquele que se posiciona dentro da área urbana da pólis. “O termo *santuário urbano* é normalmente aplicado aos santuários monumentais estabelecidos no ponto mais alto, ou em um lugar de destaque, ou no centro da cidade” (Pedley 2005: 42).⁵ A centralidade, exposta aqui por Pedley como uma característica dos santuários urbanos, é discutível a partir dos vestígios arqueológicos, uma vez que estes nos apresentam inúmeros santuários estabelecidos na área urbana que muitas vezes estão em um lugar de destaque, mas não necessariamente em uma posição central (Veronese 2006: *passim*).

Vejamos como exemplo Selinonte, *apoikia* grega localizada no sul da Sicília, onde os santuários urbanos estão localizados próximos ao limite sul da cidade, na área mais elevada da cidade, que se volta para o mar. Nessa pólis também existem santuários extraurbanos localizados a leste e a oeste da área ocupada pela *ásty* (fig. 1, 2 e 3).

⁵ “(...) the term *urban sanctuary* is normally applied to those monumental sanctuaries on the highest point, or at a critical location, or at the center of the city (...)” (Pedley 2005: 42)

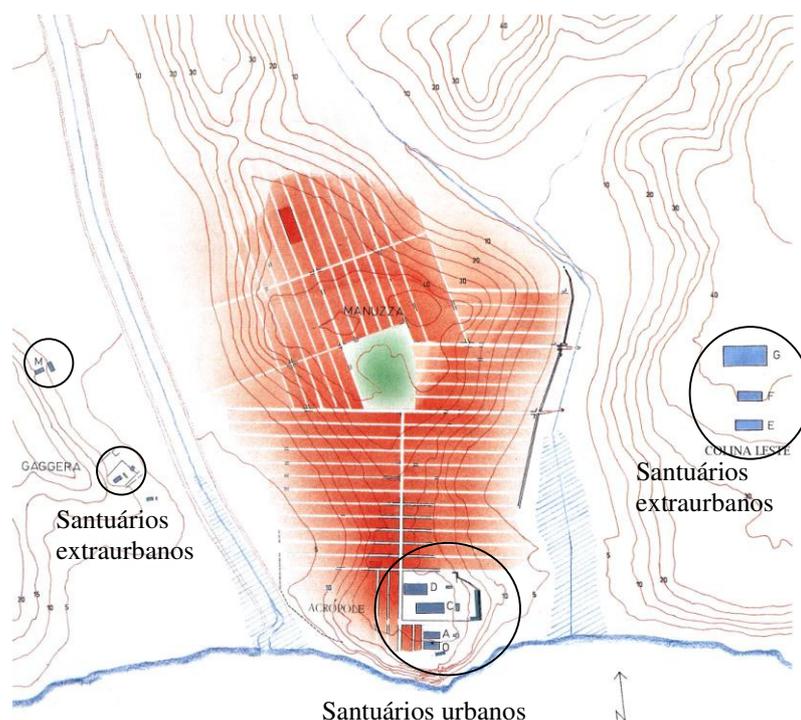


Fig. 1: Planta de Selinonte, com destaque para as áreas de santuários urbanas e extraurbanas
Referência: Carratelli, 1996, p. 281.



Fig. 2: Selinonte: vista dos santuários urbanos
Referência: Carratelli, 1989, p. 378.



Fig. 3: Selinonte: vista dos santuários extraurbanos
Referência: Carratelli, 1989, p. 377.

É interessante destacar, no caso de Selinonte, que existe uma situação particular, que não foi identificada em outros sítios estudados, onde é possível a visualização dos santuários urbanos a partir dos extraurbanos e vice-versa (fig. 4 a 9).



Fig. 4: Santuário extraurbano E
Foto de acervo pessoal 2010.



Fig. 5: Vista do santuário extraurbano E para
acrópole
Foto de acervo pessoal 2010.



Fig. 6: Santuário da Malophoros, extraurbano
Foto de acervo pessoal 2010.



Fig. 7: Vista do santuário da Malophoros para os
santuários urbanos da acrópole
Foto de acervo pessoal 2010.



Fig. 8: Templo urbano C, na acrópole
Foto de acervo pessoal 2010.



Fig. 9: Vista da acrópole para santuário
extraurbano E
Foto: acervo pessoal 2010.

François de Polignac, com a sua obra *Cults, Territory and the origins of the Greek City-State*, sugeriu que os santuários extraurbanos desempenharam um importante papel tanto na definição do espaço da cidade quanto promovendo a integração da comunidade cívica. Ele sugere que a comunidade cívica era, antes de tudo, uma comunidade religiosa – e a natureza religiosa da fundação de novas cidades o demonstra – e mostra o papel de destaque dos santuários a que chama de ‘extraurbanos’ na definição do território, assim como na integração dessa comunidade cívica e nos contatos com seus vizinhos, sejam eles gregos ou não (Polignac 1995: *passim*). Assim, na sua interpretação:

Os santuários extraurbanos haviam sido fundamentais tanto no momento de fundação da pólis quanto em sua história posterior, no sentido de unir os cidadãos em torno de cultos mediados, tanto no território quanto no centro urbano. Divindades protetoras dos territórios e divindades relacionadas à fundação da pólis eram assim cultuadas promovendo a unidade entre as várias partes da cidade. Os santuários entrariam assim como elementos importantes na marcação e defesa de fronteiras dando a estes tanto funções estratégicas quanto funções simbólicas. (Florenzano 2009: 12)

As imagens e situação apresentadas no caso de Selinonte exemplificam essa situação, quer dizer, o posicionamento dos santuários em uma pólis pode também ser entendido como um marcador de posse e elemento de unificação identitária dessa cidade.

Nesse sentido, é importante mencionar também o artigo de Vallet intitulado “La Cité et son territoire dans les colonies grecques d’Occident” (1968), publicado nos *Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, onde o autor, “ao escrever sobre a cidade grega e seu território introduziu a temática dos santuários extraurbanos como marcadores territoriais, marcadores de posse e de identidade de uma pólis” (Florenzano 2009: 12). Nesse texto Vallet nos oferece:

Uma visão integrada das estruturas que compõem o território, tais como as necrópoles, as muralhas e os santuários no contexto colonial, articulando-as no processo de formação da pólis. O autor evidencia a situação dos santuários extraurbanos no caso das *apoikias* gregas estabelecidas no Ocidente – Magna Grécia e Sicília, na Itália - e seu papel na definição do território das pólis. O levantamento apresentado por Vallet nos mostra que o estabelecimento dos santuários nessas *apoikias* gregas ocorreu na mesma época em que os espaços religiosos estavam sendo definidos no continente grego, e não posteriormente, como seria natural supor. Seu trabalho nos revelou a importância do estudo da situação dos espaços religiosos nas *apoikias* gregas, para que possamos

ter uma visão mais ampla de tudo o que configurava o mundo grego desde a época da sua formação, sem deixar de lado as ocorrências no continente grego. Esse artigo apresenta uma síntese dos conhecimentos acumulados nas pesquisas arqueológicas realizadas até a década de 1960. Na época em que foi escrito a questão do território ainda não era valorizada, e o autor traz essa questão para o debate, ainda que de forma preliminar. (Rezende et all. 2011: 196-197)

A hipótese lançada por Vallet no final da década de 1960 foi retomada mais tarde por Polignac na obra citada acima e continua sendo discutida nos dias atuais, à luz de novos achados arqueológicos. A importância dos espaços religiosos na conformação e ocupação do território das pólis gregas foi um assunto tratado por Malkin em seu artigo “Territorial Domination and the Greek Sanctuary”, e no artigo “Espaços Sagrados e a Formação da Pólis” apresentamos uma discussão bastante aprofundada desse assunto a partir dos autores mencionados acima.

Para entendermos melhor a situação dos santuários no território, discutida acima a partir do caso de Selinonte, apresentaremos a seguir mais um exemplo de estabelecimento de santuários no território, a pólis Metaponto, na Magna Grécia. O território dessa pólis abrange uma grande extensão, onde se espalham diversas áreas de culto extraurbanas (fig. 10).

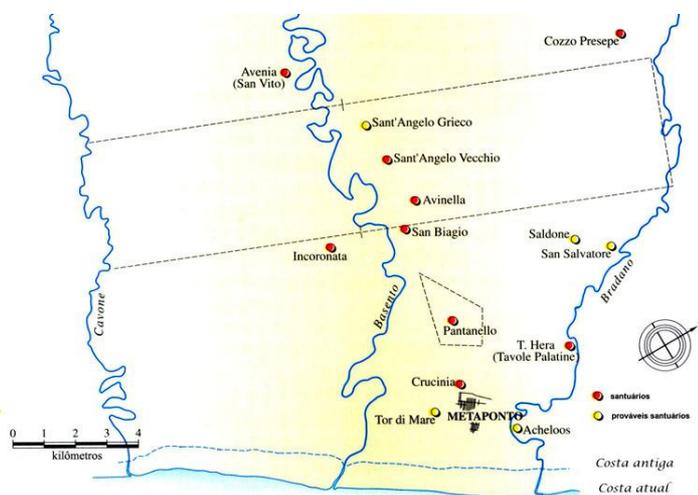


Fig. 10: Planta de Metaponto, destacando as áreas de culto espalhadas pelo território.

Referência: Carratelli, 1996, p. 363

No caso de Metaponto os santuários estão estabelecidos em uma considerável distância entre si, o que não permite que, de um deles, se possa ver os outros (fig. 11 e 12), como o que foi apresentado em Selinonte. Mas também nesse

caso podemos entender seu posicionamento como marcadores territoriais e de identidade da pólis, como o exposto anteriormente.



Fig. 11: Vestígios dos santuários urbanos de Metaponto – 3 templos
Foto de acervo pessoal 2010.



Fig. 12: Templo extraurbano de Hera, na localidade de Tavole Palatine
Foto de acervo pessoal 2010.

É importante se ter em mente que quando os gregos colonizaram essa região ela não era um deserto. Tanto os dados históricos quanto os arqueológicos afirmam que toda essa região era ocupada por populações autóctones ou mesmo povos estrangeiros que também haviam se estabelecido ali. Também é um fato comprovado pelas fontes⁶ e vestígios arqueológicos que os gregos se relacionaram com esses povos, e a maneira como se deu esse contato varia no tempo e também de pólis para pólis, podendo ser amigável em um momento e belicosa em outro, como nos mostram autores como Carratelli (1996), Guzzo (1982; 1983) e De Juliis (2004; 1996). Ettore De Juliis, em obra que trata justamente da relação entre gregos e os grupos autóctones na Magna Grécia, afirma que a colonização grega de época histórica – ocorrida entre a metade do século VIII e o final do século III – subtraiu terras e foi, salvo raras exceções, baseada no uso da força e de logro sobre os indígenas, estabelecendo sobre os territórios do Sul da Itália e Sicília uma ocupação permanente de territórios amplos, grande parte deles muito férteis e estratégicos (De Juliis 2004: V-VI).

Porém, em Metaponto as evidências arqueológicas apontam para uma relação menos conflituosa e mais integrada entre gregos e indígenas. Essa pólis teve território estudado a fundo pelos pesquisadores Dinu Adamesteanu (1973a;

⁶ Entre as fontes, podemos citar principalmente as obras *Library of History*, de Diodoro Sículo e *Geography*, de Estrabão, onde encontramos relatos da relação dos gregos com os povos que já habitavam a região da Magna Grécia e Sicília.

1973b) e John Carter (2006; 2004). Esses pesquisadores elaboraram suas análises a partir da documentação arqueológica e a partir disso mostraram que a *khóra* de Metaponto era ocupada não apenas por gregos, atestando a existência de santuários e necrópoles onde material indígena e grego dos séculos VI e V a.C. aparecem misturados em várias localidades espalhadas pelo território.

O contato entre os gregos de uma pólis com outros gregos ou mesmo outras populações ficou marcado no registro arqueológico, como procuraremos mostrar nesse momento, a partir das nossas investigações sobre a arquitetura dos templos gregos construídos no Ocidente. Apenas mais um observação: sabemos que existem evidências de contato também nas formas de culto, mas aqui nos concentraremos nas evidências relacionadas estritamente à construção desses templos. Vale ressaltar ainda que estes são apenas apontamentos colhidos nas nossas leituras sobre o assunto.

Martin, em texto publicado nas *Atti del Dodicesimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia*, procura trabalhar com aspectos sociais e de custo financeiro dos programas de construção das cidades gregas da Magna Grécia e Sicília. Nas cidades gregas o tipo de edifício onde mais se investia são os templos. A esse respeito, um primeiro dado que o autor evidencia é que o custo de alguns templos construídos nessa região é bastante superior ao que costuma ser gasto na construção de templos no continente grego. Esse dado corresponde ao fato que os templos gregos no Ocidente possuem dimensões maiores do que os existentes na Grécia continental (por exemplo, Selinonte e, sobretudo, o Olimpiéion de Agrigento) (Martin 1973: 186-190).

A construção dos templos é, no mundo grego como um todo e com pequenas variações de origem entre a Grécia ocidental e o continente, financiada principalmente por contribuições particulares e os fundos dos santuários (tesouros). Um dado interessante que Martin menciona é que a pólis de Siracusa recebeu importantes contribuições de populações indígenas para a construção de seus templos (Martin 1973: 194-195).

Mas, além dos recursos financeiros, essas obras requerem uma mão de obra numerosa e parte dela especializada. Para a Sicília e Magna Grécia existem dados que evidenciam a participação de indígenas na construção dos templos. No caso de Siracusa existem evidências que mostram a evolução de técnicas arquitetônicas

gregas em sítios indígenas,⁷ o que faz Martin supor que a população indígena tinha uma participação importante no trabalho dos canteiros de obra. Esses operários acabavam por construir em seguida as suas cidades como haviam aprendido a fazer nas cidades gregas (Martin 1973: 196-197; 203).

Nas *Atti del Trentatreesimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia* encontramos dados interessantes sobre os contatos entre gregos com etruscos e fenícios. Nessa publicação foram encontrados dois textos que tratam das influências da arquitetura entre esses povos, um de autoria de F. Prayon e o outro de D. Mertens. Ambos os textos afirmam a existência de contatos entre etruscos e gregos na Magna Grécia, e vão tratar sobretudo da região da Campânia.

Eles evidenciam as diferenças entre a arquitetura dos templos etruscos e gregos. Enquanto os primeiros faziam suas construções de madeira e pedra calcária, mais modestas e orientadas para o sul, os últimos faziam uso da pedra e orientavam seus edifícios no sentido leste-oeste, buscando sempre a monumentalização. Havia também diferenças nos cultos: enquanto para os gregos o templo é a morada terrestre da divindade, para os etruscos é um lugar para manifestar os seus desejos à divindade (Prayon 1994: 184-185).

O contato entre a sociedade grega e a etrusca se mostra em alguns aspectos. No caso das construções etruscas, encontram-se alguns templos que passam a ser orientados no sentido leste-oeste, como o templo da Rainha em Tarquínia, datado do século VI a.C. Em alguns templos da Itália central no séc. V a.C. evidencia-se o uso da *peristasis*, a colunada que envolve a cela, característica do mundo grego. Para Prayon essa não é uma influência vinda apenas do contato dos etruscos com gregos da Magna Grécia, mas um influxo externo de várias partes do mundo grego, que chega ao mundo etrusco muitas vezes de maneira indireta (Prayon 1994: 185; 191; 193).

⁷ São usados por Martin (1973: 187; 195; 203-204) como material para pesquisa relativo às construções da Grécia Ocidental o registro epigráfico de contos, como aqueles encontrados em Epidauro e Delfos, na Grécia continental e os arquivos encontrados na *teca* de Zeus em Lócris (Laky 2011: 115). Esses registros indicam que a população indígena constituía parte da mão de obra não especializada usada nos canteiros de obras da Sicília. Em Siracusa a relação entre Gregos e populações indígenas é bastante conhecida, particularmente nas cidades-satélite que formam uma “coroa” ao redor da metrópole: Camarina, Eloro e Akras. É nesse contexto que se observa a experiência no uso e a difusão de técnicas de construção helênicas nas cidades indígenas, materializadas principalmente na construção de muralhas, na organização dos santuários e nas transformações das habitações, resultado do contato de operários indígenas com a mão de obra especializada de origem grega.

Mertens em seu texto nos revela o outro lado dessa relação, evidenciando as influências que a arquitetura grega sofreu a partir dos etruscos. Para esse autor o uso de terracotas arquitetônicas, que se difundiu enormemente tanto na Magna Grécia quanto na Sicília é uma influência etrusca (fig. 13). Vale lembrar que existe aí também uma questão técnica, que é a escassez de pedras que existia na região, sobretudo mármore, o que muito possivelmente motivou a busca de soluções decorativas alternativas pelos gregos dessa região. Assim o uso de uma solução híbrida, em pedra combinada com a terracota resultou em algo não tão sólido, mas também monumental e digno (Mertens 1994: 205; 215-217).



Fig. 13: Exemplos gerais de detalhes arquitetônicos em terracota usados nos templos gregos do Ocidente, sem especificação de templo ou localidade. Acervo do Museu Paolo Orsi

Fotos de Wagner Souza e Silva 2007

O autor ainda elenca alguns elementos comuns às duas culturas, mesmo que usados de formas diferentes. O primeiro deles são os frisos figurados, que no caso do mundo grego traziam imagens ligadas ao culto religioso enquanto entre os etruscos representavam a sua aristocracia. Os etruscos, por motivos estruturais, não usavam o triângulo frontal para decoração, como faziam os gregos, que ali colocavam os grupos escultóricos mais importantes (Mertens 1994: 213-214).

Assim, para Mertens, o uso da terracota na arquitetura dos templos da Magna Grécia representa uma aculturação etrusco-campana.



Fig. 14: Terracotas etruscas do templo de Alatri. Acervo do Museu de Villa Giulia
Fotos de acervo pessoal 2010.

Esperamos, com os exemplos de determinações de fronteiras, estabelecimento de identidades, contatos e influências apresentados aqui a partir de dados extraídos do nosso projeto de pesquisa, que as situações discutidas nesse artigo nos auxiliem a discutir conjuntamente a questão da integração e fronteiras no Mediterrâneo.

Bibliografia

ADAMESTEANU, D. “Problemi topografici ed urbanistici metapontini”. ACISMGr, XIII, 1973. (a)

ADAMESTEANU, D. “Le suddivisione di terra nel Metapontino”. In FINLEY, M. (ed.) *Problèmes de la terre en Grèce ancienne*. Paris, Mouton, 1973: 49-62. (b)

CARRATELLI, G.P. (ed.) *The Greek World: Art and Civilization in Magna Grecia and Sicily*. Nova York: Rizzoli, 1996.

CARRATELLI, G. P. et alii. *Sikanie: Storia e Civiltà della Sicilia Greca*. Milano: Garzanti-Scheiwiller, 1989.

CARTER, J. C. *Discovering the Greek Countryside at Metaponto*. Thomas Spencer Jerome Lectures – Twenty-third Series. The University of Michigan Press/ Ann Arbor, 2006.

CARTER, J. C. *The study of ancient territories – Chersonesos & Metaponto*. 2004 Annual Report. Austin: Institute of Classical Archaeology. The University of Texas at Austin, 2004.

De JULIIS, E. M. *Greci e Italici in Magna Grecia: un rapporto difficile*. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli, 2004.

De JULIIS, E. M. *Magna Grecia. L'Italia meridionale dalle origini leggendarie alla conquista romana*. Bari: Ed. Puglia, 1996.

DIODORUS SICULUS. *Library of History*. 12 vols. The Loeb Classical Library. Londres/ Cambridge: W. Heinemann e Harvard University Press, 2001.

ESTRABÃO. *Geography*. 8 vols. The Loeb Classical Library. Londres/ Cambridge: W. Heinemann e Harvard University Press, 2000-06.

FLORENZANO, M. B. B. *A organização da khóra: a cidade grega diante da sua hinterlândia*. Projeto Temático de Pesquisa. São Paulo, MAE-USP, 2009.

GRAS, M. *O Mediterrâneo Arcaico*. Lisboa: Ed. Teorema, 1998 (1995).

GUZZO, P. G. *Megale Hellas. Storia e Civiltà della Magna Grecia*. Milano, 1983.

GUZZO, P. G. *Le città scomparse della Magna Grecia*. Roma: Newton Compton editori, 1982.

LAKY, L. A. *Olímpia e os Olímpiéia. A Origem e difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia dos séculos VI e V a.C.* Dissertação de mestrado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2011.

MARTIN, R. “Aspects financiers et sociaux des programmes de construction dans les villes grecques de Grande Grèce et de Sicile”. In: AA.VV. *Economia e Società nella Magna Grecia*. Atti del Dodicesimo Convegno di Studi Sulla Magna Grecia. Taranto: L'Arte tipografica Napoli, 1973, p. 185-205.

MALKIN, I. “Territorial Domination and the Greek Sanctuary”. In: HELLSTROM. A. R. (ed.) *Religion and power in the Ancient Greek World*. Boreas, 24, 1996, pp. 75-81.

MERTENS, D. “Elementi di origine etrusco-campana nell'architettura della Magna Grecia.” In: AA.VV. *Magna Grecia Etruschi Fenici*. Atti del Trentatreesimo Convegno di Studi Sulla Magna Grecia. Taranto: L'Arte tipografica Napoli, 1994, p. 195-219.

PEDLEY, J. "The Siting of Sanctuaries." In: Idem. *Sanctuaries and the Sacred in the Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 39-56.

PRAYON, F. "L'architettura etrusca e il problema degli influssi (magno-) greci." In: AA.VV. *Magna Grecia Etruschi Fenici*. Atti del Trentatreesimo Convegno di Studi Sulla Magna Grecia. Taranto: L'Arte tipografica Napoli, 1994, p. 183-193.

POLIGNAC, Fr. de. *Cults, Territory and the origins of the Greek City-State*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

REZENDE, R. H.; CUSTODIO, C. T. e LAKY, L. de A. "Espaços Sagrados e a Formação da Pólis." In: ALDROVANDI, C. E. V.; KORMIKIARI, M. C. N. e HIRATA, E. F. V. *Estudos sobre o Espaço na Antiguidade*. São Paulo: Edusp e Fapesp, 2011.

VALLET, G. "La Cité et son territoire dans les colonies grecques d'Occident." In: AA.VV. *La Città e il suo Territorio*. Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto: L'Arte tipografica Napoli, 1968, p. 67-142.

VERONESE, F. *Lo Spazio e la Dimensione del Sacro: Santuari Greci e Territorio nella Sicilia Arcaica*. Padova: Esedra ed., 2006.